

**“Jesus de Nazaré andou no meu carro”:
ensino superior, política e religião em Presidente Prudente***

Luciana Quillet Heymann (CPDOC-FGV)

Verena Alberti (CPDOC-FGV)**

Em fevereiro de 2002 tivemos a oportunidade de gravar uma entrevista de história oral com Agripino de Oliveira Lima Filho, prefeito de Presidente Prudente (SP) e fundador da Universidade do Oeste Paulista (Unoeste). A entrevista fazia parte do projeto “Trajetórias da universidade privada no Brasil”, desenvolvido pelo CPDOC em convênio com a Capes entre 2000 e 2002. O objetivo do projeto era conhecer as trajetórias de 14 universidades privadas não confessionais e não comunitárias instaladas em diferentes regiões do país, por meio da realização de entrevistas com dirigentes destas instituições. A escolha da metodologia de história oral visou a preencher uma lacuna diante do pequeno avanço das pesquisas qualitativas nessa área, especialmente se considerarmos o peso do ensino superior privado no país hoje.¹

A escolha da entrevista com o sr. Agripino como objeto deste trabalho deve-se a sua singularidade sob diferentes pontos de vista. Chamou nossa atenção, inicialmente, o fato de o entrevistado não estar interessado em falar sobre o assunto que havia motivado o nosso contato. Reitor da Unoeste de 1972 até 2001, quando passou a função para o filho, seu depoimento era essencial para compreendermos a história da instituição. Ele, contudo, insistiu em relatar a experiência mística que havia vivenciado em outubro de 2000, quando teria se encontrado com Jesus de Nazaré. Esse encontro não deve ser visto como evento absolutamente isolado, já que o catolicismo místico permeia seu discurso e está presente em fatos anteriores de sua trajetória. No

* Trabalho apresentado ao V Encontro Regional Sudeste de História Oral – ABHO, “Diálogos Contemporâneos: Cultura e Memória”, 19 a 21 de novembro de 2003; Tiradentes-MG.

** www.cpdoc.fgv.br

¹ O projeto resultou na publicação do livro *Trajetórias da universidade privada no Brasil: depoimentos ao CPDOC/FGV*. Org. Luciana Heymann & Verena Alberti. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas/CPDOC; Brasília: CAPES, 2002. 2v. O livro encontra-se disponível para consulta na seção Estante virtual do Portal do Cpdoc (www.cpdoc.fgv.br).

entanto, ele foi decisivo com relação a sua iniciativa de construir um santuário e um local de peregrinação na vizinha cidade de Álvares Machado.

Ainda que o sr. Agripino não estivesse muito interessado em falar da universidade, verificamos, ao longo da entrevista, como sua atuação na área de ensino e sua carreira política (foi vereador e duas vezes prefeito de Presidente Prudente, deputado estadual e deputado federal constituinte) estavam interligadas. Um dos aspectos dessa conexão se expressa na prestação de serviços à comunidade local por meio da infra-estrutura da universidade.

A devoção do sr. Agripino, sua atuação na área do ensino e sua carreira política concorrem para desenhar um cenário bastante interessante, do ponto de vista de uma análise da cultura política brasileira, que pretendemos desenvolver neste trabalho.

* * *

A entrevista foi realizada nas dependências da Prefeitura Municipal de Presidente Prudente, em 28 de fevereiro de 2002. Tínhamos um roteiro previamente preparado, que atendia aos interesses da pesquisa que vínhamos desenvolvendo e que privilegiava a história de vida do entrevistado até a fundação da instituição de ensino superior, a trajetória dessa mesma instituição e a visão do depoente quanto à política educacional nos diferentes momentos, especialmente no que diz respeito aos procedimentos de avaliação implementados pelo MEC. Em todas as 24 entrevistas realizadas nesse projeto, conseguimos ver respondidas, com diferentes graus de densidade e detalhamento, as questões previstas. A entrevista do sr. Agripino, no entanto, teve a peculiaridade de subverter o roteiro, porque o entrevistado estava interessado claramente em nos contar uma outra história.

Embora tenhamos explicitado nossos objetivos de início, o entrevistado imediatamente introduziu o assunto que o estava mobilizando, esclarecendo: “Esta história eu contei para mais de mil pessoas e nenhuma acreditou. No dia 5 de outubro de 2000, Jesus de Nazaré andou no meu carro! (...) Eu não sabia que era ele, naquele dia. Fiquei sabendo uns 10 meses depois, através de umas mensagens que recebi.” Em resumo, a história se passou da seguinte maneira: logo após ser eleito para a Prefeitura de Presidente Prudente, em pleito acontecido no dia 3 de outubro, o sr. Agripino decidiu abandonar a política e sua cidade em razão de uma crise familiar envolvendo os filhos de seu primeiro casamento e sua atual esposa. Em estado de desespero e dirigindo seu carro, decidira tomar o rumo da Bolívia. Chegando de madrugada em uma pequena cidade de Mato Grosso do Sul, Bataguassu, procurou um lugar para dormir.

Desci do carro, fiquei mais ou menos a uns 20 metros do carro. Daí a pouco passou um moço lá na frente, um moreninho de uns 30 anos e falou assim: “Agripino, você por aqui?” E eu falei: “Estou aqui. Você me

conhece?” Ele falou: “Conheço. Você não quer um lugarzinho bom para ficar?” “Eu gostaria. Você sabe onde tem?” Ele disse: “Eu sei.” “Você me leva lá?” “Levo.” Entrou no meu carro, eu não me lembro como ele entrou – essa história eu já contei para mil pessoas e ninguém acreditou; se quiserem, podem rir na minha frente que eu não ligo. Ele falou “por aqui”, mas eu não olhei no rosto dele nem ele no meu, no carro. Eu estava nervoso. Quando chegou, ele falou: “É aqui.” Eu parei e falei: “Vou ver se tem lugar e volto para encostar o carro.” E naturalmente para agradecer. Fui lá, tinha lugar, eu não tinha documento, não tinha dinheiro. “Não tem problema, pode ficar.” Fui encostar e agradecer. Quando fui agradecer, ele já estava atrás do meu carro, a uns 40 metros, andando no meio da rua. Foi indo assim, desaparecendo, eu estava nervoso, não estava nem prestando atenção.”

O relato da viagem continua com outros encontros com pessoas que diziam conhecê-lo e, sem que fique claro, na entrevista, o que o dissuadiu de seu propósito inicial, o sr. Agripino retorna a Prudente quatro dias depois.

A narrativa segue com o propósito de apontar as coincidências que tornam possível, aos olhos do entrevistado, demonstrar que o encontro em Bataguassu tinha sido com Jesus. Um desses eventos diz respeito a um recado que lhe foi transmitido por um morador de Prudente, espírita, da parte do rapaz que havia andado em seu carro. O recado dizia que o sr. Agripino devia construir uma igreja em local que lhe seria indicado. A revelação que confirmou a identidade do rapaz deu-se um mês depois, quando o sr. Agripino teve uma visão, em sua residência:

Depois de um mês, mais ou menos, à noite, eu deitado, lendo, pensei assim: bem que eu podia ver aquele moço outra vez, já tenho a pista dele... E quando eu pensei assim, o livro abaixou, eu olhei no outro quarto, num espelho que eu nunca tinha visto, um crucifixo na cama, brilhando. Então, ele me deu a resposta, não deu? Quem andou no meu carro? Qual a conclusão sua? Jesus! Naquela hora, 10 meses depois, ele revelou que era ele. Jesus andou no meu carro. Determinou que eu fizesse a igreja. Ele escolheu o lugar, escolheu o nome, escolheu tudo, o projeto. Eu estou construindo uma coisa maravilhosa.

A entrevista foi permeada pela descrição do santuário em construção, sobre o qual o entrevistado já havia impresso um cartão, que nos mostrou assim que chegamos. Em vários momentos o sr. Agripino sugeria que visitássemos o local em uma próxima oportunidade. No final da entrevista, contudo, resolveu que devia levar-nos lá imediatamente. Assim, nossa viagem a Presidente Prudente teve seu ponto alto na visita que fizemos às obras do santuário, acompanhadas do entrevistado, que caminhou conosco pela *via crucis* enquanto dois carros, com seguranças, nos seguiam em baixa velocidade. Nosso entrevistado descrevia as estações que, futuramente, seriam instaladas ao longo do caminho, com estátuas em tamanho natural, bem como as demais instalações do local de peregrinação que, segundo ele, se tornaria uma segunda Aparecida do Norte. Era como se ele visualizasse perfeitamente todos os detalhes de sua obra.

Meses depois, quando entrevistamos seu filho, Paulo Lima,² deputado federal e atual reitor da Unoeste, nos demos conta de que essa antevisão era uma característica do sr. Agripino, que muitos anos antes estava ocupado com outra obra monumental:

Desde muito jovem, sempre acompanhei muito meu pai. Ele me levava até áreas vazias e mostrava o sonho dele. Porque num primeiro momento, dentro de Prudente, o Agripino era considerado um sonhador, um louco que queria fazer faculdades no Oeste de São Paulo, um lugar distante de tudo, e depois quis fazer uma universidade. Ele olhava um terreno e dizia: “Aqui nós vamos fazer um prédio, teremos uma grande biblioteca, laboratórios. Vamos fazer cursos de odontologia, farmácia e bioquímica; nosso sonho é ter medicina.” (...) Então, vemos um sonhador transformar linhas, papel, em realidade; hoje, a Unoeste é, em estrutura, uma das maiores universidades do Brasil.

Essa segunda entrevista nos ajudou a compreender por que o sr. Agripino não estava mais tão interessado em falar da Unoeste: a universidade foi o empreendimento de uma fase de sua vida; agora era a vez do santuário. Como ele mesmo havia dito na sua entrevista: “A maior alegria minha é estar nessa empreitada. Hoje, se eu quisesse ser candidato ao governo estadual, seria. Mas nada disso me seduz. O que me seduz é o que estou fazendo hoje: o santuário e essa igreja. Por determinação de Jesus.”

Muito mais do que um educador, nosso entrevistado era um “fazedor”, o que é confirmado pelo relato de sua história de vida. Um dos 11 filhos de um casal que “trabalhava na enxada”, o sr. Agripino nos contou que “saiu da enxada”, foi caminhoneiro, vendedor ambulante (“um dos maiores vendedores de livros do Brasil”), professor primário e acabou construindo uma trajetória de político e de empreendedor.

Nunca estudei em escolas boas, aprendi a escrever com praticamente 12, 15 anos. Minha vida foi muito difícil, suor do trabalho. Saí do nada, do zero, e fui vereador 10 anos aqui, fui prefeito uma vez, sou prefeito outra vez, fui deputado federal constituinte, fui deputado estadual, criei uma universidade, fui reitor, construí um dos melhores hospitais deste país, já construí 15 igrejas em Prudente, construí mais de 200 casas com o meu dinheiro para a população, montei mais de 15 fazendas enormes.

A Unoeste aparece, assim, como uma entre as muitas realizações do entrevistado, diferentemente da maioria dos fundadores de universidades que entrevistamos ao longo da pesquisa, cuja identidade se construía calcada sobre as instituições de ensino que criaram.

Talvez seja interessante pensarmos de que maneira essa auto-imagem concorre para a construção de um capital político eficaz na região de Presidente Prudente, realimentado a cada

² A entrevista com Paulo César de Oliveira Lima foi realizada no dia 6 de abril de 2002, por ocasião da reunião da Associação Nacional das Universidades Particulares (ANUP), realizada no hotel Othon Palace, no Rio de Janeiro.

vitória eleitoral e a cada empreendimento bem-sucedido. Um homem que “sai do nada” e “constrói um império” merece admiração e crédito, dá provas da sua competência e produz uma imagem com a qual se identifica o cidadão comum. A essa trajetória vitoriosa alia-se a imagem de um homem que não nega suas origens, que despreza a pompa e desafia os poderosos.

Eu sou assim, irreverente. Sou um homem amante de Deus, mas não aceito desaforo. Eu não beijo a mão do rico, não beijo a mão de ninguém e também não peço para ninguém beijar a minha mão. Eu trato todo mundo com igualdade. Por sinal, se perguntar se eu prefiro morar com os pobres ou com os ricos, eu prefiro morar numa senzala do que num palácio. (...) Eu era um caipira e ainda sou, caipira do interior.

Essa identidade de homem que não se curva ao poder dos ricos é corroborada na entrevista de seu filho, para quem o pai sempre teve que enfrentar a resistência dos poderosos para a realização de seus objetivos. Mais do que uma característica de sua personalidade, ou uma injunção do poder local, essa marca de resistência adquire, em seu discurso, uma dimensão exemplar no contexto da sociedade brasileira.

É uma situação do sistema brasileiro. A oligarquia brasileira é nefasta: os ricos querem ficar ricos e não permitem que os pobres sejam ricos; o Estado sustenta os ricos e eles não quebram. Os pobres, como ele, não têm condições de crescer, porque os ricos fecham todas as portas. Meu pai nunca gostou da elite, nunca tratou bem essas pessoas. Ele tem dificuldade de se relacionar com esse meio social – aliás, nunca se relacionou.

É fácil imaginar a força eleitoral de um personagem que alia essas características a uma fortuna acumulada ao longo dos anos, quer como dono da Unoeste, uma das maiores universidades privadas do estado de São Paulo, quer como proprietário de fazendas e outros imóveis. A imagem política do sr. Agripino não estará completa, contudo, se a ela não acrescentarmos a dimensão assistencialista que as atividades de extensão desenvolvidas pela universidade têm junto à população de Prudente e região.

A extensão, juntamente com a pesquisa e o ensino, constitui um dos requisitos da organização de universidades no país. Em nossa pesquisa, percebemos como esse segmento é, em geral, valorizado pelos dirigentes das instituições. De um lado, o destaque aparece como compensação para o fraco desempenho das universidades privadas no âmbito da pesquisa; de outro, é uma estratégia de legitimação social do empreendimento, uma vez que ele estaria preenchendo uma lacuna deixada pelo poder público, que não investe suficientemente no atendimento ambulatorial, odontológico e jurídico à população carente, dimensões privilegiadas nas atividades de extensão. Nesse sentido, a Unoeste não é uma exceção dentro do universo estudado. Entretanto, é nesse caso que fica mais clara a relação entre as atividades assistencialistas e a construção de um

capital político que, muito provavelmente, tem garantido as eleições do sr. Agripino, de seu filho e de sua ex-mulher (esta, vereadora em Presidente Prudente). No caso de nosso entrevistado, é interessante atentar para o fato de que, ao falar das atividades de extensão, chega a menosprezar o ensino, alterando a noção tradicional de universidade:

Minha intenção sempre foi canalizar o meu serviço, o meu trabalho, para o bem comum. Prova é que logo que nós começamos eu quis criar o curso de odontologia, que atendia à população toda de graça: tratamento de dente, obturação, prótese. Então, nós começamos a atender a pobreza. Hoje nós atendemos na universidade duas mil pessoas por dia na área da saúde! Coisa que no Brasil não existe. A universidade gasta na saúde mais do que o município, o estado e a União juntos. Então, a instituição que está aí, se não fizesse absolutamente nada, se todos os alunos que entrassem saíssem analfabetos, ela atende a duas mil pessoas na área de saúde por dia! Gente pobre, que não tem onde ficar é recebida no hospital com cinco refeições diárias: café, almoço, café da tarde, janta e, às 11 horas da noite, o chá. Nós atendemos gente do Mato Grosso, do Paraná, de Minas, atendemos gente da capital, de São Paulo. A gente pergunta: “Você é de São Paulo? Por que veio aqui?” “Ah, me falaram que aqui é bom.” O doente, quando recebe alta, fala que não quer ir embora. Precisa ver lá dentro, é um palácio.

O assistencialismo vai além das atividades práticas relacionadas aos cursos, podendo chegar à distribuição de cestas básicas. Perguntado sobre o papel da universidade em geral, o fundador da Unoeste voltou a enfatizar o atendimento à “pobreza”:

O papel da universidade é um só. As universidades fazem pesquisa? Fazem pesquisa. As universidades prestam assistência à comunidade? Vai ver quem presta mais do que nós. Corre o Brasil e vê quem atende mais na órbita da saúde, quem atende mais o povo do que nós. Na área social, nós damos 100 cestas básicas por dia para a pobreza, para esse pessoal que não tem o que comer. Damos remédio, tratamento de dente, fisioterapia. Quando eles não podem ir lá, a universidade manda buscar.

Cabe observar que a preocupação do sr. Agripino com a população pobre convive com uma postura política bastante intransigente com relação a movimentos sociais como o Movimento dos Sem Terra (MST). No período em que estávamos desenvolvendo o projeto ele protagonizou, na qualidade de prefeito, uma reação veemente a manifestações do MST na região do Pontal do Paranapanema, chegando a aparecer em jornais e telejornais. Mais tarde, em julho de 2003, voltou a ocupar os noticiários conclamando a população de Prudente a impedir que uma marcha do MST tivesse acesso à cidade. Nessa ocasião, enviou um manifesto à Câmara Municipal, aprovado pelos vereadores, declarando que “grupos de pessoas lideradas por desocupados e oportunistas insinuam invadir cidades e repetir nelas o que estão há anos praticando em propriedades alheias: furto e matança de gado, depredação, roubo de peças e de equipamentos e vandalismo” (*O Globo*, 2/7/2003).

Na entrevista de Paulo Lima percebe-se como a perspectiva do assistencialismo praticado pela universidade se perpetua no discurso da segunda geração de políticos da família. É importante chamar atenção para o fato de que o santuário que visitamos está sendo construído em um terreno que pertence à universidade, o Campus III, onde já estão instalados os tanques de criação de peixes que fazem parte das atividades do curso de agronomia, e onde funcionará também um setor do curso de turismo, encarregado de atender os fiéis que frequentarão o local. Embora Paulo Lima tenha uma história de vida bastante diferente da de seu pai – “meu filho foi criado num ambiente muito melhor do que o meu, de bons colégios”; “ele sempre foi filho de pai rico; engenheiro formado” – e possa parecer, algumas vezes, constrangido com a história que o sr. Agripino vem contando desde sua experiência em Bataguassu, seu discurso assimila a experiência mística do pai e enfatiza os benefícios do santuário, que, mais uma vez, apontam para uma perspectiva assistencialista de atendimento ao “povo faminto”. As diferenças de geração e de personalidade não alteram substancialmente a lógica em que são conciliados política, religiosidade e atividades universitárias.

Estamos em expansão para o Campus III, onde vai funcionar turismo e também a parte de agrárias. Estamos terminando a parte – que não vai deixar de ser turismo – da igreja, que será maravilhosa: vai ter as 14 estações sacras, o caminho a ser percorrido. (...) Ele contou a história de Jesus no carro dele? Ele fala com uma fé! Ele briga comigo: "Você não acredita!" "Pai, eu acredito que possa ter vindo um espírito iluminado para o senhor. Só fico em dúvida de, dois mil anos depois, Jesus aparecer só para o senhor." Ele fica bravo comigo... Lá será um lugar realmente encantador. De muita frequência, de turismo, de participação. Aqueles tanques enormes servirão – ainda não sabemos exatamente de que forma – para alimentar o povo faminto de Prudente e região, com a piscicultura.

Cabe notar que, depois da desavença familiar, Paulo Lima assumiu a direção-geral da mantenedora da universidade, a reitoria e a superintendência do hospital universitário, funções que acumula com a de deputado federal. Caçula dos quatro filhos e o único que seguiu a carreira política, ele foi o escolhido pelo sr. Agripino para continuar a obra da Unoeste. Seu relato do momento em que o pai lhe transmitiu as funções na universidade revela o quanto ambos dotam a obra de uma aura religiosa e como sua razão de ser é, antes de mais nada, o atendimento à população carente. O ensino propriamente dito aparece quase como um apêndice da missão que seu fundador confere à instituição.

Ele, até emocionado, pôs a mão sobre o Jesus Cristo que tem lá na sala dele e falou: "Olha, filho, essa instituição foi inspirada e é tocada por Jesus Cristo. Acredite nisso. Eu nunca tive nada e sempre tive tudo. Todas as suas dificuldades, você converse com Jesus que ele vai te encaminhar. Mas nunca se esqueça de atender os pobres, porque eles são a finalidade do nosso hospital; e a formação dos jovens. O máximo possível,

você dê condições e apoio para alunos carentes que queiram crescer na vida. Os ricos têm que pagar, pobre tem de graça."

Ao estudarmos a trajetória da Unoeste no contexto de nossa pesquisa, nos surpreendemos com a imbricação entre as esferas da política, da religiosidade e do ensino superior, explícita no discurso dos entrevistados. Além disso, o próprio personagem do sr. Agripino nos pareceu fascinante, não só por causa de sua história e da construção do santuário, mas também por características de sua narrativa. Nos limites desse trabalho não será possível descer a todos os detalhes da entrevista, mas chamou nossa atenção a recorrência com que complementava sua fala com elementos concretos, não discursivos, tais como o gesto de levantar-se para mostrar uma cicatriz nas costas, resultado de uma cirurgia a que havia sido submetido, ou de reproduzir o andar acanhado que, intimidado, adotava nos corredores do Congresso. Compondo o quadro dessa "lógica do concreto", vale mencionar que, encerrada a entrevista e antes de fazer questão de nos levar ao santuário, precisou mostrar cartas de sua autoria para o vice-prefeito, escritas logo após o conflito familiar, nas quais anunciava que ele deveria assumir a Prefeitura. Essas cartas, guardadas em uma gaveta do gabinete, serviam como prova da sua real intenção de renunciar ao cargo e fugir de Prudente. Ao mesmo tempo, testemunhavam a força da experiência que vivenciara em Bataguassu, capaz de transformar o texto das cartas em letra morta.

A própria experiência mística necessita de provas concretas, que lhe confirmem objetividade. Seu relato foi pontuado por momentos em que fazia um balanço de quanto ainda faltava para que os dados revelassem, de uma vez por todas, que o homem que andara no seu carro era Jesus. Veja-se, por exemplo, como mensura o caminho já percorrido para "fechar a história" quando descreve seu diálogo com o espírita, depois que ele mesmo já tinha escolhido o nome de sua igreja, sem ainda saber que essa escolha respondia a um desígnio superior:

"Essa pessoa que apareceu para você, esse moreno que mandou o recado, falou no nome da igreja?" "Falou, seu Agripino." "Que nome?" "Jesus." Não bateu? Então, até aí já deu 80% fechando a história. Que coisa impressionante. Quando ele falou isso [choro] – eu choro à toa –, abri a boca. O nome que eu tinha escolhido? Jesus.

Nessa mesma linha de argumentação, para provar sua ligação permanente com uma força superior, lembra que já caiu três vezes de avião, mas não quebrou "uma unha"; sofreu um acidente de carro, sendo jogado a uma distância de 50 metros, sem um arranhão; escapou de ser assassinado em uma de suas fazendas; nunca foi roubado e recebeu diversas mensagens e manifestações da ação protetora de Jesus.

Se concluímos acima que nosso entrevistado é um “fazedor”, um empreendedor, cabe observar que, do seu ponto de vista, toda sua obra é influenciada por essa proteção. Nosso personagem que “nunca teve nada, mas sempre teve tudo”, que “saiu da enxada” e construiu um “império”, credita seu sucesso a um contato privilegiado que sempre manteve com Jesus. Essa idéia impregna seu discurso e orienta suas ações de uma maneira decisiva. Para pesquisadores que o procuraram no contexto de um projeto de âmbito nacional sobre o ensino superior, foi surpreendente a ênfase com que o prefeito de uma próspera cidade do estado de São Paulo e fundador da Unoeste propalava sua fé. Em seu discurso não havia lugar para a racionalidade informada pelo mercado (que caracterizou outras entrevistas do projeto) nem para qualquer veleidade acadêmica (presente em quase todas). O sr. Agripino não se apresenta como educador, como empresário ou como político: ele é um sonhador ungido pela proteção divina.

Embora a singularidade do personagem tenha chamado nossa atenção no contexto da pesquisa, a curiosidade intelectual que despertou não deve ser confundida com o interesse do cientista nos espécimes raros. O caso do sr. Agripino nos pareceu eloqüente do ponto de vista de uma determinada cultura política na qual se insere sua eleição para diferentes cargos públicos, bem como a trajetória política de seu filho. O fato de combinar capital político, atividades assistencialistas e catolicismo místico não lhe é exclusivo. Sua história de vida mostra que essa associação é possível e eficaz no contexto da sociedade brasileira.